

# Sem tempo para o medo

Uma história de amor diferente, envolvendo um rapaz,  
uma moça e uma ursa-parda enfurecida

PHILIP YANCEY

**O**S DOIS jovens canadenses se aconchegavam junto do ferrugento calorífero de aço. Ele, Malcolm Aspeslet, de 19 anos, e ela, Barb Beck, de 18, estavam em seu mais longo encontro de sempre – um passeio até Balu Pass, a uma altitude de 2.050 metros, no Parque Nacional de Glacier, na Colúmbia Britânica. Na véspera, a escalada parecera uma forma agradável e simples de comemorar o dia livre, longe de seu trabalho no ambiente quente e barulhento na cozinha da hospedaria do parque. O passeio tinha decorrido bem até alcançarem o cume, mas ali haviam sido inesperadamente apanhados por uma tempestade de neve e for-

çados a passar a noite numa das cabanas rústicas do parque.

Então, na manhã seguinte, os dois, sentados no chão em posição de ioga, conversavam e riam.



Tinham-se encontrado dois meses antes, e já haviam vivido muitas horas juntos. Ambos gostavam o bastante das montanhas para passarem as férias trabalhando em cozinhas, apenas com o fim de estarem perto dos picos de seu país. Era o dia 1.º de outubro de 1971, e o verão mal tinha terminado. As janelas da cabana não tinham persianas, de modo que Malcolm era obrigado a abrir periodicamente a porta para observar as condições atmosféricas. Mais ou menos a meio da manhã, parou de nevar, e o jovem casal iniciou a descida. Barb, usando botas altas de solas lisas, estava toda hora escorregando e caindo no gelo.

A picada de uns cinco quilômetros, com freqüentes zigzagues, acompanhava o leito de um córrego no sopé da montanha. Em apenas uma hora, o casal percorreu a metade do caminho. Pararam por momentos para descansar, encostados a um monte de neve. O Sol, já acima do horizonte, tinha-os aquecido, e ambos iam agora apenas de suéter, levando as juponas em volta da cintura. Uma cascata perto borbotava com neve recentemente derretida; mergulharam as mãos na água gelada e se salpicaram um ao outro de brincadeira. Em seguida, iniciaram de novo a descida, com Malcolm à frente.

**Perigo escondido.** Cem metros adiante, Malcolm parou de repente. Dois ursinhos brincavam no barranco do córrego, cerca de

20 metros à direita. No dia anterior, os jovens haviam visto uma urso-parda e duas crias. Tinham gritado, gesticulado e observado pelos binóculos como a mãe se erguia e rugia com elas. Tudo isso fora mais engraçado do que assustador, com mais de um quilômetro de margem de segurança a separá-los, mas agora a mãe-ursa (talvez a mesma urso-parda) podia se achar deste lado do barranco, oculta pelos arbustos.

Malcolm estava de pé, hirto, tentando tomar uma decisão. Talvez conseguissem rastejar calmamente. No entanto, quando ele tentou dar o primeiro passo, a urso, subitamente, apareceu furiosa do lado da colina, soltando um grunhido que era quase um urro de raiva. Barb reconheceu imediatamente a urso-parda, com o pêlo prateado brilhando ao sol e com sua característica corcova no dorso. *Como pode algo tão enorme se mover tão depressa?*, pensou a moça; em seguida, sentiu-se atirada por Malcolm sobre a neve.

Este vira a urso-parda investindo de boca aberta. O animal se babava e emitia pequenos grunhidos. Um segundo antes que a urso caísse sobre ele, Malcolm se agachou, mas a pancada de uma pata com garras o pôs sem sentidos.

Por instantes, ficou atordoado. Quando levantou a cabeça, viu que tinha sido projetado a três metros. A urso havia encontrado Barb. A jovem estava imóvel, deitada na neve com o enorme ani-

mal sobre a perna, roendo perto de sua nuca. Malcolm não hesitou; não havia tempo para medo. Instintivamente arrancou do cinto a faca de mato e correu para a urso, gritando. O animal estava de pé, com a imponência de seus dois metros e tanto de altura e provavelmente pesando 250 quilos mais do que ele. Quando o rapaz saltou para o dorso da fera, esta nem sequer vacilou.

Malcolm ouvira o ranger dos dentes que roíam um osso. Enlouquecido pela raiva e pelo desespero, mergulhou a faca até o punho no pescoço da urso. Subiu mais sobre a enorme corcova do animal e a enterrou outra vez. Jorrou sangue quente. A urso-parda soltou um ronco aterrador e deixou cair a cabeça para trás. Este rápido movimento fez saltar a faca e quebrou o pulso de Malcolm.

«**Está tudo acabado**». Então, a urso enfurecida voltou a atenção para Malcolm. Agarrou-o com as duas patas dianteiras e o apertou contra o peito. O cheiro de sangue e de urso o enjoavam. O animal batia-lhe com as patas enormes. O primeiro golpe arrancou o cabelo de Malcolm, como se fosse posição, arrastando grande parte do couro cabeludo. Daí a pouco, o jovem estava rolando, agarrado pela urso. Os bruscos movimentos do animal pararam quando ambos atingiram o fundo do barranco. A urso arranhava-lhe continuamente o rosto. Quando ela se abaixou para lhe rasgar com os dentes o

pescoço e o ombro, Malcolm bateu-lhe quase sem força no sensível focinho, mas os socos não produziram efeito.

Malcolm fechou os olhos. *Está tudo acabado*, pensou, e parou de lutar. Incrivelmente, logo depois que ele deixou de fazer movimentos, a urso o largou. Ainda lhe bateu mais uma vez, mas então atirou lama e ramos sobre ele e se afastou ruidosamente.

A princípio, Malcolm não tinha certeza de estar vivo. Achava-se meio dentro meio fora do córrego. Não sentia dores, exceto um latejar no pulso. Lentamente, saiu do córrego e gritou com voz fraca: «Barb, você está bem?»

Esta, com medo de que a urso ainda estivesse perto, não respondeu. Arrastou-se até a borda do barranco e viu um punhado de cabelos ensangüentados. Em seguida, deu com Malcolm meio soterrado. Seu rosto fora rasgado por um violento golpe, e o lado direito estava dilacerado, deixando ver músculos e tendões; um olho estava muito contundido. Barb gritou: «Malcolm, agüente que eu vou buscar socorros.» Atirando sua japona para ele, foi correndo em direção à hospedaria.

Durante algum tempo, Malcolm continuou deitado, tentando avaliar a gravidade de seus ferimentos. O pulso não se movimentava — devia estar quebrado. Uma rótula tinha sido arrancada, e o jovem, com a língua, não sentia nenhum dos dentes da frente. Con-

seguia ver mal com um dos olhos, mas tinha receio de voltar a cabeça, porque notara a pelé do rosto solta, pendurada. Não sentiu nenhuma reação – apenas uma dolorosa esperança de que aquilo não tivesse acontecido, que fosse tudo um pesadelo.

Avistando a mochila um pouco acima, na picada, decidiu ir buscá-la e utilizá-la como atadura. Penosamente, arrastou-se de costas. Seu olho não atingido continuava fechado; de quando em vez, ele tinha de parar e abri-lo com a mão. Finalmente, alcançou a mochila e se deixou cair de costas, esgotado pelo esforço. Rezou, perguntou a si próprio se estaria vivo e qual seria seu aspecto se estivesse.

**Longo regresso.** Enquanto isso, com o braço ferido e os cabelos ensangüentados, Barb corria pela vereda tortuosa e em ziguezues até a hospedaria. Entrando vacilante no *hall*, gritou: «Uma ursa-parda atacou Malcolm! Ele não pode andar! Ajudem, por favor!» Então, irrompeu em soluços. Apareceu gente de todos os lados – guardas, colegas, hóspedes.

O primeiro ruído que Malcolm ouviu de seus salvadores foi o chiado de um *walkie-talkie*. Estava encostado a um tronco havia hora e meia e se mantinha consciente. O guarda Gordy Peyto, grande amigo de Malcolm, correu logo para junto dele. «Então, meu velho», disse. «Meu destino é cuidar de você. Como se sente?»

«Estou bem, mas com um pouco de fome», respondeu corajosamente Malcolm. «Creio que, desta vez, me portei bem, Gordy. Acho que meu pulso está quebrado.» Gordy quase ficou sem fala quando viu aquela cabeça branca exangue. As investidas da ursa tinham arrancado o couro cabeludo e rompido vasos sanguíneos, deixando à mostra uma camada de tecidos perto do crânio.

Ned Clough, enfermeiro de primeiros-socorros, envolveu com gaze o rosto de Malcolm e os ferimentos das mordidas nas pernas; em seguida, amarrou-o numa maca. Pelo rádio, pediram um helicóptero de salvamento para ir apanhá-lo numa clareira da picada e levá-lo ao hospital Queen Victoria, em Revelstoke.

A cirurgia começou com uma operação de emergência que durou sete horas. O cirurgião fez mais de mil suturas. «Restaurar o rosto de Malcolm era como montar um quebra-cabeça», disse mais tarde um médico de serviço.

Depois Malcolm foi transferido para um hospital, em Edmonton, cidade onde vivia. Praticamente, não se lembra das primeiras semanas. Estava sob os efeitos de fortes sedativos e delirava constantemente entre o sono e a semiconsciência. Foi submetido a 41 enxertos de pele.

Dentro de algum tempo, começou a se recuperar. Os médicos asseguraram-lhe que daí a pouco estaria bom, assim que os enxertos

pegassem e as gazes fossem retiradas. Um dia, porém, já perto do Natal, quando uma enfermeira lhe mudava as ataduras e foi chamada de repente, Malcolm se aproximou do espelho do banheiro para se olhar pela primeira vez. Quase ficou enjoado. Os médicos tinham tentado corrigir os defeitos fazendo-lhe um nariz novo com pedaços de músculo do braço e enxertando pele da perna no rosto. O jovem não tinha cabelo, e grandes cicatrizes lhe riscavam as faces. A pele estava ainda empolada e apresentava um horrível tom vermelho-brilhante.

**Coragem premiada.** Aquele incidente iniciou um período de reclusão que durou semanas. Malcolm recusava ver os pais ou os amigos, odiando-se a si próprio e ao mundo. Não suportava a idéia de ser olhado por outras pessoas. Ignorava a crescente pilha de cartas de Barb. Como podia alguém amar um homem defeituoso?

Barb, porém, não desistia. Escrevia fielmente a Malcolm (cinco ou seis cartas por semana), embora ele nunca respondesse. Os amigos de Malcolm, que conheciam Barb, escreveram a ela, contando-lhe da autocompaixão do rapaz. «Ele não quer acreditar que você se interesse por ele, dado seu aspecto», diziam-lhe.

Um dia, pouco depois do desânimo que ele sentira na época do Natal, Barb surpreendeu Malcolm, ao entrar em seu quarto no hospital, após uma viagem de

1.250 quilômetros. Os dois passaram longas horas juntos, conversando. Malcolm mantinha-se obstinadamente alheio, mas a presença da moça obrigou-o a recordar os bons tempos que passara com ela. *Talvez me ame*, pensava ele. *Afinal, sou a mesma pessoa que ela dizia amar, no verão passado.*

Se Malcolm tivesse algumas dúvidas, elas se dissiparam em janeiro, quando recebeu carta com uma proposta de casamento. «É um ano bissexto», explicava ironicamente Barb.

Sua persistência começou a ser bem sucedida. Embora Malcolm não tivesse respondido à proposta, prometeu que visitaria Barb. Em fevereiro de 1972, cinco meses depois do acidente, um jovem vacilante e magro, com o rosto terrivelmente marcado por cicatrizes e um braço no gesso, desceu do trem em Fort Langley, perto de Vancouver. Malcolm foi imediatamente abraçado por Barb, que estava radiante.

Dias mais tarde, ela obteve a resposta. Malcolm levou-a de carro até a cidade de Langley, e parou junto de uma joalheria para escolher a aliança de noivado. Barb, chorando e rindo ao mesmo tempo, estava nervosa. Casaram a 21 de julho de 1973.

Enquanto isso, Malcolm descobriu que a história de sua façanha se tinha espalhado pelo Canadá. (Isso, para ele, foi uma surpresa, pois nunca lhe ocorrera que pudesse ter fugido e deixado Barb

sozinha com a urso; ele não encarava sua atitude como heróica.) A Royal Humane Society, de Londres, premiou-o com a Medalha de Ouro de Stanhope pela mais audaciosa proeza conhecida durante o ano nos países da Comunidade Britânica. Recebeu também a Medalha de Ouro por Bravura, da Royal Canadian Humane Association, e a Medalha de Carnegie por Heroísmo, da Carnegie Hero Fund Commission. Foi ainda indicado para a Estrela da Coragem, do governo canadense, e convidado a ir a Ottawa receber esta medalha das mãos da Rainha Elizabeth, por ocasião da viagem da soberana ao Canadá. Foi assim que Malcolm e Barb Aspeslet passaram a lua-de-mel, a expensas do governo, na capital do Canadá. Numa cerimônia solene, Malcolm recebeu sua condecoração das mãos da rainha da Inglaterra.

Hoje, Malcolm e Barb vivem em Surrey, perto de Vancouver. Ele dirige a cozinha da estalagem Newton e ela trabalha num escritório. Se não fossem as cicatrizes e as tristes recordações, eles pareceriam iguais aos outros casais de Vancouver. O rosto deformado de Malcolm é anualmente corrigido com operações cirúrgicas (os médicos recuperaram-lhe o olho, mas o jovem ainda vê com dificuldade); recentemente, sem esperar, recebeu um subsídio de 2.035 dólares do Departamento de Saúde da Colúmbia Britânica para custear a implantação de cabelo permanente.

Às vezes, perguntam a Barb se casou com Malcolm por obrigação. Ela responde: «Eu amava Malcolm antes do acidente e o amarei sempre. Os deficientes devem ser reintegrados na vida. As cicatrizes não mudam a pessoa.»



LORD Thomson, que tem fama de muito avaro, é um milionário canadense, proprietário de diversos jornais em seu país e dono do *Times* de Londres. Certo dia, ele ia de carro para o escritório, acompanhado de seu filho Ken, diretor-associado de uma cadeia internacional de jornais, atualmente avaliada em cerca de 600 milhões de dólares.

«Que é isso?», perguntou Thomson quando viu Ken desdobrar um jornal.

«É o *Times*.»

«E como é que você o conseguiu?»

«Eu o comprei na banca ali da esquina.»

«Bem, Ken», disse o *lord* muito preocupado, «vá devolvê-lo, para que o homem o venda a outra pessoa. Você poderá ler o meu quando eu acabar.»